UMA LEITURA CRÍTICA DE ONZE FILMES SOB O CRIVO DA CRÍTICA CULTURAL

Lidiane Sacramento Soares[62]

Resumo: O presente ensaio apresenta as discussões que giraram em torno da leitura interpretativa dos filmes vistos como parte do CritiCine, que está inserido na disciplina de Laboratório IV – Audiovisual e Cinema, que consta no programa do Pós Crítica, destacando a importância dos filmes, a partir de olhares acadêmicos e também pessoais, ou seja, com uma abordagem mais subjetiva. Com isso, buscamos problematizar as produções cinematográficas a partir do crivo da crítica cultural. Para o desenvolvimento desse estudo, a pesquisa está fundamentada em alguns teóricos como Walter Benjamin (1987), dentre outros. A metodologia utilizada para desenvolver este trabalho científico foi a qualitativa, de carácter exploratório e o procedimento utilizado foi a busca dos vídeos do canal do Pós Crítica que discutissem sobre os filmes apresentados no CritiCine. Após a análise dos dados, foi

[62] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Artigo apresentado ao final da Disciplina: Práticas em Laboratório IV – Audiovisual e de Comunicação, ao Profº. Dr. Osmar Moreira dos Santos. Endereço eletrônico: lideane1007@gmail.com

possível fazer uma análise crítica dos onze filmes discutidos nos vídeos, destacando como cada um, reflete e subverte as narrativas estabelecidas, examinando temas como estruturas de poder, cultura popular, hibridismo, identidades culturais do Brasil e o papel da ficção do cinema. Serão apresentados a relação entre alguns filmes, no ponto de vista, de conceitos culturais e filosóficos.

Palavras-chave: Crítica Cultural. Cinematografia. Identidades culturais.

Summary: This essay presents the discussions that revolved around the interpretative reading of the films seen as part of CritiCine, which is part of the discipline Laboratory IV – Audiovisual and Cinema, which is part of the Pós Crítica program, highlighting the importance of films, from both academic and personal perspectives, that is, with a more subjective approach. With this, we seek to problematize film productions from the perspective of cultural criticism. To develop this study, the research is based on some theorists such as Walter Benjamin (1987), among others. The methodology used to develop this scientific work was qualitative, of an exploratory nature, and the procedure used was to search for videos on the Pós Crítica channel that discussed the films presented in CritiCine. After analyzing the data, it was possible to make a critical analysis of the eleven films discussed in the videos, highlighting how each one reflects and subverts the established narratives, examining themes such as power structures, popular culture, hybridism, cultural identities of Brazil and the role of fiction in cinema. The relationship between some films will be presented, from the point of view of cultural and philosophical concepts.

Keywords: Cultural Criticism. Cinematography. Cultural Identities.

INTRODUÇÃO

O cinema, ao longo da história, tem desempenhado um papel importante, tanto como uma arte de entretenimento, quanto também como possibilidade de estabelecer críticas sobre as dinâmicas culturais, sociais e políticas, afinal, através do cinema é possível questionar, refletir e subverter os acontecimentos da realidade.

O cinema é considerado a última linguagem artística, visto que passou a se consolidar como arte no início do século XX, especialmente a partir de 1905, depois da literatura, da pintura, da fotografia que já tinham se consolidado. Logo, para entendê-lo, é preciso também entender as outras linguagens, então, podemos dizer que é necessário fazer um exercício hermenêutico.

Com o uso da imagem, som e movimento, o cinema mostrou-se ser uma linguagem artística atraente e de grande poder de persuasão, pois, por sua natureza visual, narrativa e emocional, ele torna-se uma ferramenta de entretenimento, mas também de persuasão social, cultural e política. Nesse sentido, o autor ensaista, Walter Benjamin (1892-1940), que também estudou o cinema, explorou-o como uma nova forma de arte e que é feita pelo coletivo e para a reprodução da arte em massa, buscando alcançar o máximo de pessoas.

Este ensaio, faz uma leitura de onze vídeos transmitidos pela plataforma YouTube, no canal do Pós Crítica, em que onze filmes são discutidos e avaliados de forma coletiva pelos estudantes do programa, utilizando diversas perspectivas acadêmicas e também pessoais, acerca desses. Vale salientar que, dos onze vídeos, dez tratam-se, cada um, de um filme diferente e um vídeo, que foi apresentado no dia 01 de junho de 2024, trouxa a tona a avaliação dos filmes que haviam sido vistos até aquele momento, no CritiCine Pós Crítica.

As discussões que ocorreram nos onze encontros coletivos entre os participantes do CritiCine Pós Crítica, se deram sobre os filmes, na ordem a seguir: "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964), "À Meia-Noite Levarei Sua Alma" (1964), "Shaolin do Sertão" (2016), "O Estado das Coisas" (1982), "O Auto da Compadecida" (2000), "A Via Láctea" (1969), "Lenin em Outubro" (1937), "A Greve" (1925), "Cidadão Kane" (1941), "A Chinesa" (1967) e "Limite" (1931). Esses encontros ofereceram uma vasta gama de leituras possíveis sob o crivo da crítica cultural.

A análise cinematográfica dos onze filmes, ocorreu a partir uma perspectiva pessoal, sobre uma abordagem mais subjetiva, para o entendimento ou não, da narrativa do filme, sobre a estética do

mesmo e sua produção, assim como também, houve a apresentação a partir das perspectivas acadêmicas, utilizando as ferramentas fornecidas pelo programa de crítica cultural, fazendo relação entre os filmes e alguns autores discutidos ao longo do curso.

Vários participantes expressaram suas opiniões sobre os filmes, destacando a importância na leitura coletiva dos filmes, onde as ideias apresentadas de cada um, contribuíram para uma interpretação mais profunda dos mesmos, ajudando-os a entender, não só do ponto de vista técnico, mas também, cultural, político e social. Vale salientar que essas discussões foram contribuições coletivas que se tornaram essenciais para contar como experiência de aprendizagem a todos os participantes do CritiCine, além da transmissão dessas discussões ocorrerem pelo YouTube, promovendo assim, a popularização do conhecimento a todos que acessarem ao canal do Pós Crítica.

Este ensaio acadêmico propõe uma análise crítica dos onze filmes discutidos nos vídeos do canal do Pós Crítica, destacando como cada um, reflete e subverte as narrativas estabelecidas, examinando temas como estruturas de poder, cultura popular, hibridismo, identidades culturais do Brasil e o papel da ficção do cinema. Serão apresentados a relação entre alguns filmes, no ponto de vista, de conceitos culturais e filosóficos.

A LEITURA DOS FILMES SOB O CRIVO DA CRÍTICA CULTURAL

O primeiro filme que foi apresentado e assistido no CritiCine do Pós Crítica foi “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, mas vale ressaltar que esse foi o único filme que não teve um vídeo no canal do YouTube, fazendo a discussão sobre ele. Apenas no vídeo que faz a avaliação dos sete filmes apresentados até a data de 01 de junho de 2024, que se falou um pouco desse filme e da sua relação com os demais já assistidos.

O filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol” foi dirigido por Glauber Rocha e lançado em 1964, em uma época que o Brasil estava passando por transformações sociais e políticas, período esse que foi marcado pela luta contra a desigualdade social e a busca pela identidade nacional única. O filme se passa no sertão nordestino, região que é associada a pobreza, a seca e a exploração dos trabalhadores, mostrando através da arte cinematográfica a tensão entre opressores e oprimidos na região sertaneja, mostrando a luta de classes e trazendo à tona a discussão acerca das estruturas de poder.

Glauber Rocha utiliza a narrativa para tratar sobre a exploração econômica, a violência no sertão e a alienação religiosa que se perpetuam entre o povo do sertão nordestino. Para isso, o filme faz

uma crítica ao poder dos coronéis (elite rural do sertão), a religião, a forma como é gerado fanatismo religioso e propagado, gerando a alienação e critica também o cangaço, que apesar de oferecerem resistência armada, também contribuem para a manutenção do status quo.

O título do filme sugere um dilema moral e existencial: Manuel, vaqueiro, que matou o seu patrão em legítima defesa e posteriormente fugiu com sua esposa pelo sertão, encontrou o beato que ele considerava como "Deus" e o cangaceiro que ele considerava como o "Diabo", cada um lhe ofereceu uma solução para os problemas da vida no sertão, no entanto, nenhum deles resolveu os seus problemas. Nesse sentido, e como dito na fala do Professor Doutor Osmar Moreira, no vídeo 7 do CritiCine: "Glauber Rocha defende que a Terra não é nem de Deus e nem do Diabo, a Terra é do homem", é do ser humano.

Em resumo, sob o crivo da crítica cultura, o filme "Deus e o Diabo na Terra do Sol" é uma obra que ao mesmo tempo que denuncia as opressões sofridas pelo povo pobre do sertão nordestino, também questiona a possibilidade de resistência e emancipação, propondo uma reflexão sobre o destino do povo e do nosso país.

O segundo filme apresentado no CritiCine foi “À meia noite levarei a sua alma” dirigido por José Mojica Marins, que foi lançado em também em 1964, assim como “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. É um filme que também explora temas como violência, religião e estruturas de poder, no entanto, o tema que se destaca nesse filme é o medo, e o personagem que se tornou um ícone do cinema de horror brasileiro foi Zé do caixão.

Como o filme foi lançado em 1964, logo após o golpe militar, que instaurou a ditadura militar no país, o cinema foi influenciado em sua produção cultural, criando filmes que abordassem temas como repressão, violência e medo, que fazia alusão ao que os poderes estavam espalhando na sociedade brasileira, logo, o diretor do filme trouxe esses elementos para o gênero do horror.

O personagem Zé do caixão desprezava a religião e a moralidade tradicional, não seguia as normas sociais, colocando em xeque as noções de bem e mal; costumava exercer a brutalidade, e praticar a violência para alcançar os seus objetivos. Ele não acreditava na existência de Deus e nem do Diabo, logo, consequentemente, não acreditava na noção de alma; para ele, a alma não existe.

Do ponto de vista da crítica cultural, o Zé do caixão pode ser interpretado como um protesto contra o poder autoritário e opressor, e consequentemente, a falta de cidadania, de cultura e de liberdade de expressão, logo, ele pode ser visto como uma metáfora para a violência exercida pelo poder ditatorial, que reprimia a população, usava de violência para controle do povo e não se submetia a nenhuma lei, além da sua própria.

O terceiro filme apresentado no CritiCine foi “Shaolin do Sertão” que foi dirigido por Halder Gomes e lançado em 2016, trazendo uma história que também se passa no sertão nordestino, no interior do Ceará, no ano de 1980, uma época em que foi marcada pela difusão da cultura global no Brasil, como filmes de artes marciais, dentre outros produtos culturais que buscavam alcançar as várias regiões do país.

Nesse sentido, o diretor do filme, utilizou como pano de fundo, a influência cultural das artes marciais, trazendo essa cultura global para dentro da cultura local nordestina, logo, este filme trata-se de um exemplo de hibridismo cultural, que nos leva a refletir sobre a maneira como as culturas locais se adaptam ou ressignificam as culturas globais, ou seja, as influências externas.

A partir do crivo da crítica cultural, o filme pode ser lido como uma obra que discute as identidades regionais, o pertencimento, a relação entre a cultural global e local e a resistência à marginalização cultural, tudo utilizando um tom humorístico e satírico.

O filme gira em torno de um jovem nordestino chamado Aluízio Li que tem paixão pelas artes marciais chinesas, em especial, o kung fu, e acredita ser um mestre Shaolin, por isso o nome do filme ser "Shaolin do Sertão", pois o mesmo busca ter uma identidade heróica que transcenda as limitações da sua realidade socioeconômica, ou seja, que ele seja visto como um herói na sua região, apesar das suas dificuldades sociais e econômicas, logo, esse personagem representa uma forma de resistência à marginalização cultural.

No sentido de que o sertão é um lugar, muitas vezes associado à pobreza, seca e falta de oportunidades, o personagem principal, Aluízio Li tem a obsessão de se tornar um herói no kung fu, com o objetivo de escapar das dificuldades enfrentadas pela vida rural do sertão e isso, podemos considerar como um desafio e ao mesmo tempo, é uma resistência regional vivida pelo personagem.

No vídeo do canal do Pós Crítica que faz a discussão sobre o filme "Shaolin do Sertão", os participantes discutem suas impressões

sobre o filme e fazem uma análise crítica, dentre outras coisas, sobre a recepção do cinema no Nordeste. Debatem como o cinema, principalmente de gênero e filmes populares, é consumido na região Nordestina brasileira, e como esse filme específico reflete e dialoga com a recepção popular.

Sob o crivo da crítica cultural, “Shaolin do Sertão” pode ser visto como uma obra que, através da comédia e da sátira, explora questões importantes para se refletir, como por exemplo, a identidade regional e a influência da cultura global em nosso país. Enfim, o filme faz uma chacota das coisas, mostrando como que o brasileiro lida com a ideia de pertencimento da terra.

A quarta mostra de cinema foi “O Estado das Coisas” que foi dirigido por Wim Wenders, que é um importante cineasta alemão e publicou o filme em 1982. Trata-se de um filme que mistura realidade e ficção, destacando temas como o estado melancólico da Europa, no ano que o filme foi publicado, ou seja, em 1982, em contraste com o cinema americano movido pelo capitalismo de Hollywood.

A partir do crivo da crítica cultural, o filme pode ser lido e interpretado como uma obra que reflete sobre a crise

cinematográfica, as contradições da indústria do cinema e as questões existenciais que cercam a criação artística.

A crise do cinema aconteceu a partir da década de 1980, quando houve uma grande comercialização do mesmo, visto que as pressões financeiras influenciam cada vez mais o processo criativo, logo, o filme "O Estado das Coisas" surge como uma reflexão sobre essa tensão entre a criatividade do cinema e as demandas comerciais, gerando uma crise.

O filme mostra a produção de uma filmagem em Portugal sendo interrompida por falta de financiamento. Trata-se de uma obra de ficção científica em preto e branco, o que nos faz refletir que a cor utilizada para produção diz muito sobre a condição financeira da equipe de filmagem, ou seja, mostra que realmente falta recursos para produzir o filme com qualidade e criação artística.

A indústria cinematográfica tem sido cada vez mais dominada por pressões externas e comerciais, o que acaba gerando uma crise de autoridade artística, visto que passa a existir uma tensão entre a arte e o comércio, já que o cinema como forma de expressão artística passa a ficar limitado por conta das pressões externas, movidas pelo

capitalismo, ou seja, os artistas e cineastas enfrentam a tensão entre seguir a sua visão criativa e se submeter às demandas do mercado.

Temas como globalização e alienação cultural também são abordados no filme, quando a equipe de filmagem que é composta por europeus em Portugal e o produtor que é americano desaparece nos Estados Unidos, esse momento, as tensões são representadas entre diferentes culturas (Europeu X Americano) e o sistema econômico, já que Los Angeles é rica por conta da produção de cinema de Hollywood, dificultando assim, a preservação da identidade artística dos cineastas frente a um mundo globalizado. Dentro desse viés, podemos afirmar que existem vários elementos simbólicos no filme, dentre eles, tem a representação da decadência europeia versus o capitalismo americano.

Sob o crivo da crítica cultural, “O Estado das coisas” é uma obra que questiona: Como em meio a globalização e crescente comercialização, é possível preservar a criação artística? Wim Wenders utiliza o filme para nos fazer refletir sobre a condição que o cinema e a arte em geral estão enfrentando. A questão da fragilidade da criação artística em um mundo globalizado, influenciado pelas pressões externas e demandas do mercado.

O quinto filme apresentado e assistido no CritiCine foi “O auto da Compadecida”, dirigido por Guel Arraes, lançado entre 1999- 2000 como um filme e também minissérie que foi transmitida na Rede Globo. Vale ressaltar que tanto o filme como a minissérie é uma adaptação da peça teatral de Ariano Suassuna, produzido em 1955. O vídeo do YouTube que apresenta a discussão desse filme no canal do Pós Crítica, destaca a importância do “O auto da Compadecida” na popularização da cultura nordestina no Brasil, da tradição popular e da literatura de cordel.

Há uma crítica sobre os personagens serem predominantemente sudestino, fazendo papéis de personagens nordestinos, e também na maneira como a Rede Globo estereotipa a cultura nordestina. Isso levanta questões sobre a representação da cultura regional nos anos 90 até os dias atuais, visto que até hoje, o filme tem sido reproduzido constantemente na programação de Sessão da Tarde da TV Globo, fazendo o maior sucesso, pelo seu gênero humorístico. Na verdade, esta obra é um dos marcos do cinema brasileiro, conhecida por sua mistura de comédia, crítica social e drama. Além disso, o filme “O auto da Compadecida” pode ser lido como uma sátira sobre diversos temas como a desigualdade social, a religiosidade, a identidade cultural, dentre outros.

A história contada no filme se passa no sertão nordestino, assim como a obra produzida por Glauber Rocha “Deus e o Diabo na Terra do Sol” e “Shaolin do Sertão” de Halder Gomes. Como podemos perceber, essa região é frequentemente retratada no cinema e na literatura brasileira como símbolo da luta por conta das contradições da sociedade, como a seca, a exploração e a pobreza vivida no sertão. Mas vale ressaltar que o sertão é marcado também como um lugar de resistência cultural em que as suas tradições populares, suas crenças e mitos são preservadas, desempenhando um papel crucial na vida cotidiana do povo nordestino.

A discussão apresentada no vídeo do Pós Crítica sobre o filme, aponta para a necessidade de refletir sobre como o filme aborda questões sociais e culturais, e como ele pode ser visto como uma possibilidade de crítica sobre a condição econômica e política do Nordeste, mantendo alguns estereótipos.

Apesar das críticas que foram apresentadas ao filme, o mesmo é valorizado por sua contribuição, pois sob o crivo da crítica cultura, a obra transcende seu contexto local, trazendo discussões globais, ao mesmo tempo em que oferece uma crítica através do humor, gerando entretenimento a quem assiste. Através de seus personagens cativantes e situações cômicas, o filme aborda questões pertinentes a

se refletir, como por exemplo: a injustiça social, a luta pela sobrevivência, assim como a hipocrisia religiosa, ao mesmo tempo, a obra também celebra a criatividade e resiliência do povo nordestino.

O sexto filme que foi apresentado no CritiCine foi “A Via Láctea” (La Voie Lactée), dirigido por Luis Buñuel e lançado em 1969, é uma obra que traz discussões acerca da religião, da busca espiritual e da heresia. O diretor desse filme é conhecido pelo seu estilo surrealista e por sua crítica constante as instituições religiosas, especialmente a Igreja Católica, com isso, o filme utiliza o absurdo e a sátira para problematizar as crenças e instituições do cristianismo. A partir do crivo da crítica cultural, o filme “A Via Láctea” pode ser lida como uma crítica à hipocrisia religiosa, a dogmatização da fé e como a herança cultural europeia é complexa e se perpetua até os dias atuais.

O filme aborda temas como a peregrinação e críticas a religião, além de refletir sobre os dogmas religiosos e a moralidade. O diretor Buñuel, através do filme expõe as contradições internas do cristianismo, utilizando heresias históricas para desafiar a verdade que é promovida pela Igreja Católica. Ele apresenta várias interpretações teológicas, sugerindo que a fé é flexível, visto que existem diversas ideias e crenças que muitas das vezes, podem ser conflitantes.

Para Buñuel a fé é relativa e a moralidade é flexível, pois no filme mostrou várias heresias, revelando como as definições de certo e errado, sagrado e profano são construções culturais e sociais, além disso, o que em uma época pode ser considerado errado, em outro período pode ser considerado certo, concluindo assim, que a moralidade não é imutável e sim, flexível. Com isso, o diretor desafia os espectadores do filme a questionarem suas próprias crenças, que muitas vezes são aceitas sem dúvidas e as estruturas sociais que as sustentam.

Na discussão que foi feita pelos participantes do CritiCine sobre o filme, foi expressa algumas reflexões sobre a religião e a crítica social, destacando o papel da religião na sociedade e como ela tem o poder de influenciar o comportamento das pessoas. Também foram discutidas a diferença e a importância de separar crença de religião, dando ênfase na crítica das práticas religiosas, e como é crucial questionar essas práticas, buscando não se tornar religiosos alienados e por fim, entender o impacto que a religião pode causar na sociedade.

Sob o crivo da crítica cultural, “A Via Láctea” é uma obra que desafia as conversões religiosas e culturais, utilizando o surrealismo para mostrar as suas contradições e hipocrisias dos fiéis, da fé institucionalizada. O filme faz uma discussão em torno da

complexidade da crença e da moralidade na cultura ocidental europeia.

O sétimo filme apresentado no CritiCine foi “Lenin em outubro”, lançado em 1937 e dirigido por Mikhail Romm e Dmitri Vasilyev, é um exemplo de filme que é do cinema soviético e que faz propaganda política. Este filme mostrou vários eventos ocorridos que levaram a tomada do poder pelos bolcheviques em 1917, principalmente por Lenin. Nesse sentido, é possível afirmar que “Lenin em outubro” pode ser lida como uma obra que reflete tensões entre a arte do cinema e a propaganda, além da construção de mitos políticos, podendo assim, o cinema ser considerado uma ferramenta de doutrinação ideológica, influenciando os espectadores que o assistem.

O filme é um exemplo claro de ferramenta de propaganda para construir ou propagar mitos políticos, como apresentar Lenin como sendo um herói supremo da Revolução de Outubro e sendo mitificado, enquanto outras figuras políticas que não se alinhavam as ideologias propagas pelo regime de Stalin, fossem apagadas. A partir da omissão de algumas figuras políticas, é possível entender o filme não é somente um meio de propaganda, mas também, pode ser um testemunho da censura, ou seja, da falta de liberdade artística durante esse período.

Sob o crivo da crítica cultural, “Lenin em outubro” é um filme que exemplifica a relação da arte na política da União Soviética e ao discutir sobre ele é possível refletir sobre a relação entre arte e poder e a importância de ser um cidadão crítico e observador, que questiona as narrativas oficiais que nos são apresentadas. Por exemplo, nesse presente filme, os mencheviques são vistos como traidores da revolução, já os bolcheviques como heróis, refletindo a propaganda revolucionária da época, além disso, a narrativa do filme mostra Lenin organizando e liderando com determinação e visão estratégica, o movimento bolchevique, o que contribui para a construção do mito político.

O oitavo filme apresentado no CritiCine foi “A Greve” que foi dirigido por Sergei Eisenstein, em 1925, é um outro exemplo de cinema soviético, assim como “Lenin em Outubro”. Trata-se de uma obra que apresenta a luta dos trabalhadores antes da Revolução Russa, explorando o conceito marxista de uma revolução democrática, destacando a luta de classes e a organização dos trabalhadores, quando sofrem práticas que se relacionam com as suas relações de trabalho.

Vale salientar que a obra apresenta imagens de animais, principalmente gatos, para demonstrar as condições de trabalho e

como o movimento grevista foi avançando. Quando, ao longo do filme, o símbolo dos gatos passou por mudanças em sua representação, foi para que pudéssemos refletir sobre o impacto da greve sobre os trabalhadores.

O filme permite que os espectadores façam uma reflexão sobre organização e impacto social, no sentido de que a arte pode influenciar para que haja organização cultural, social e política, mostrando como é crucial a luta coletiva e o pensamento crítico de como transformar as suas condições de trabalho, criticando assim, o sistema capitalista.

"A Greve", por exemplo, é um filme que retrata a greve feita por trabalhadores de uma fábrica na Rússia, representando assim, as tensões políticas e sociais existentes no sistema capitalista de exploração e opressão. Nesse sentido, a obra explora os temas de opressão e luta de classe e entendendo o contexto histórico da época, é possível perceber que a arte e o cinema são ferramentas utilizadas pelo governo soviético para difundir a ideologia comunista e estimular a consciência coletiva, inspirando a classe trabalhadora.

Sob o crivo da crítica cultural, o filme "A Greve" oferece uma visão forte da propaganda soviética e do realismo socialista, através da luta de classes e também chama atenção do espectador acerca do

papel do cinema e da arte como ferramenta que pode ser utilizada, afim de moldar e estimular a consciência política e social.

O nono filme apresentado no CritiCine foi “Cidadão Kane” que foi dirigido por Orson Welles e lançado em 1941, que explora como o poder isola e corrompe o homem, nos fazendo refletir sobre o impacto negativo do poder absoluto sobre a individualidade e a moralidade, além disso, o filme também aborda a relação entre mídia e poder.

O filme apresenta uma crítica à natureza do poder, e como este pode estimular a corrupção, pois, na narrativa apresentada na obra, Kane é representado por um homem que começou com ideais utópicos e com um enorme desejo de transformar o mundo, no entanto, ao alcançar o poder e a riqueza, este se corrompeu. Logo, o filme traz à tona a discussão de como o poder absoluto corrompe o homem, distorcendo a sua identidade e sua moralidade, em favor do lucro e da manipulação.

Uma outra crítica que é feita no filme e que aborda a relação entre a mídia e o poder é a questão da manipulação, visto que muitos poderosos políticos podem moldar a realidade e as narrativas que o público consome, questionando assim, a ética e o impacto da mídia na sociedade, na construção da opinião pública.

O filme também faz uma crítica ao mito do “sonho americano”, em que por exemplo, o Kane começou humildemente e depois que alcançou o poder e a riqueza, se corrompeu, se tornando um personagem solitário, apesar de influente e famoso; apesar de toda sua conquista, ele sentia um vazio emocional, o que é uma crítica ao mito do sucesso, do “sonho americano”, ou seja, de achar que ao ter fama, poder e riqueza, se sentirá realizado e será bem-sucedido, logo, podemos dizer que o sucesso material não é a chave para a felicidade de um ser humano e nem para a sua realização pessoal.

Sob o crivo da crítica cultural, o filme “Cidadão Kane” é uma obra que apresenta temáticas globais que nos leva a refletir e analisar criticamente, são os seguintes: a natureza do poder, a questão da identidade, e da construção de narrativas a partir da influência da mídia. O filme se destaca pois ele desafia os seus espectadores a repensar acerca da verdadeira natureza da realização e do sucesso e analisar com criticidade as narrativas apresentadas nas mídias, com o objetivo de evitar possíveis manipulações.

O décimo filme apresentado no CritiCine foi “A Chinesa”, dirigido por Jean-Luc Godard e lançado em 1967. É um filme que se passa na França, na década de 1960 e é visto como uma crítica às

contradições da Revolução Francesa e à atuação dos estudantes revolucionários nesse período.

O filme faz uma crítica a hipocrisia dos personagens que se dizem ser revolucionários, porém, tem comportamentos duvidosos, visto que perpassam por relações de poder e de exploração dentro da sua própria comunidade. Um exemplo disso, é que uma jovem é tratada como uma empregada, ou seja, sendo explorada.

Os movimentos estudantis da época, tinham diferentes perspectivas sobre a Revolução Cultural Chinesa, refletindo em tensões e divisões entre os estudantes. No entanto, é importante ressaltar que a Revolução influenciou movimentos estudantis globais, incluindo o movimento de maio de 1968, na França, logo, o filme é visto como uma tensão entre a teoria e a prática no ativismo e na própria revolução.

O filme apresenta relevância, mostrando a importância do intelectual na revolução, ressaltando a necessidade de uma organização, uma coerência para uma prática revolucionária eficaz, ou seja, sob o crivo da crítica cultural, o filme “A chinesa” é uma obra que aborda a eficácia da organização política e das diferentes abordagens ao ativismo político e à revolução.

O décimo primeiro filme e último da mostra do CritiCine do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural foi “Limite”, que é um filme de Mário Peixoto e lançado em 1931, época em que o Brasil estava passando por grandes mudanças políticas e sociais. Além disso, o cinema também enfrentava mudanças e evoluções, era o surgimento do cinema moderno e com isso a narrativa do filme é fragmentada e não linear, rompendo com as normas tradicionais.

Vale salientar que este é um filme com pouquíssimos personagens e que não apresenta diálogos, nesse sentido, podemos dizer que é um filme predominantemente visual e sonoro, pois apresenta apenas sons da natureza e músicas, a ênfase é dada nas imagens e na expressão das emoções dos personagens.

“Limite” é um filme que tem sua importância na maneira como desafiou as normas narrativas tradicionais e como influenciou o desenvolvimento do cinema moderno, tanto no Brasil, quanto no mundo, isso por conta da sua particularidade em contar histórias, gerando um grande impacto na história e cultura cinematográfica.

O nome do filme se dá pela intencionalidade de seu diretor Mário Peixoto, que é explorar e problematizar os limites do cinema, investigando a sua estrutura e analisando a transição entre o cinema

falado e o mudo. Neste filme são apresentadas novas formas de representação, para isso, são utilizados imagens e sons que muitas vezes não se completam, criando fragmentações na narrativa e consequentemente, descontinuidade.

A obra apresenta a câmera com ângulos inusitados, cortes rápidos e zooms manuais e essas características contribuem para a criação de uma narrativa visual e sonora única. Além desses fatores técnicos, vale dizer que, acerca da narrativa do filme, há uma complexidade na história contada, apresentando fragmentações, os temas discutidos são: traição e limites humanos, pois envolve situações que levam a pessoa ao seu limite. Como a história é complexa e fragmentada, fica difícil de entendê-la completamente.

Enfim, este filme nos faz refletir sobre a própria estrutura do cinema, levando ao limite a representação da imagem e som, desafiando a inteligência dos espectadores. Sob o crivo da crítica cultural, Mário Peixoto, influenciado por movimentos de vanguarda, como o surrealismo e o cinema experimental, utiliza técnicas que inovam o cinema da década de 30 e torna um visual peculiar. Logo, podemos dizer que o filme desafia e expande os limites artísticos e culturais do cinema, nos levando a refletir sobre o seu legado e impacto a nível cultural e artístico.

CONCLUSÃO

Todos os onze filmes da mostra do CritiCine do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural foram essenciais para explorar diversos contextos históricos e culturais, sobretudo, fazer referência ao cinema brasileiro, às obras de Glauber Rocha e a diversos conceitos como por exemplo, o hibridismo cultural.

As dez discussões feitas pelos estudantes e coordenador do programa em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus II – Alagoinhas, foram apresentadas no canal do Pós Crítica, situado na plataforma YouTube, o que garantiu a popularização do conhecimento acerca dos onze filmes, a partir da divulgação em uma página de rede social.

As discussões giraram em torno da leitura interpretativa dos filmes vistos como parte do CritiCine, que está inserido na disciplina de Laboratório IV – Audiovisual e Cinema, que consta no programa do Pós Crítica, destacando a importância dos filmes, a partir de olhares acadêmicos e também pessoais, ou seja, com uma abordagem mais subjetiva.

Os onze filmes – “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, À meia-noite levarei a sua alma”, “Shaolin do Sertão”, “O Estado das coisas”, “O

Auto da Compadecida", "A Via Láctea", "Lenin em Outubro", "A Greve", "Cidadão Kane", "A chinesa", "Limite" – possuem várias características em comum quando apresentados sob o crivo da crítica cultural e essas semelhanças nos mostram como cada filme aborda questões políticas, culturais e sociais, além de utilizar a arte cinematográfica para trazer discussões complexas, com isso, vários participantes do CritiCine abordaram suas expressões e entendimentos sobre os filmes, trazendo à tona discussões sobre a cultura popular, o hibridismo, a desigualdade social, a influência do capitalismo na arte e o potencial do cinema como ferramenta para criticar a realidade social e cultural.

Por fim, os encontros entre os estudantes e coordenador, professor da disciplina, Osmar Moreira, foram essenciais para enfatizar o valor do pensamento crítico e a interação entre a teoria e prática na leitura cinematográfica, com os participantes fazendo uma reflexão acerca de como o programa promove um pensamento crítico e consequentemente, tem influenciado para o entendimento de como funciona o cinema.

O crítico cultural precisa entender que a propriedade privada, as mega produções que funcionam no ponto de vista capitalista, consideram o cinema como uma mercadoria e que está à mercê das

demandas, daquilo que é consumido pelo público, mas se entendemos que o cinema é uma mercadoria capitalista e buscamos mudar a forma de produzir, então, mudamos o significante e por fim, passamos a ter uma arte revolucionária.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica***.** In: _____. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v.1)

Pós-Crítica UNEB. (2024, 13 abril). *Filme À meia noite levarei sua alma: discussões***.** [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=i_GQnZHbsg8&t=373s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 20 abril). *O Shaolin do Sertão _ Filme 3 da mostra Pós-Crítica***.** [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=BsOwEiw0YlI&t=323s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 27 abril). *O Estado das Coisas _ filme de Wim Wenders (1982)***.** [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=ClgkiJzGj6Q&t=274s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 4 maio*). O Auto da Compadecida: discussões* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=G75UM7VCSp4&t=322s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 11 maio). *Via Láctea ou Nos Caminhos de Santiago, de Luis Bunuel: discussões.* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=L10cZJO2Dl0&t=480s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 18 maio). *Filme Lenin em Outubro _ Dmitri Vasilyev*. [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=RsQe9I0HQro&t=3219s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 25 maio). *Filme A Greve, de Eisentein* [Vídeo]. YouTube.

https://www.youtube.com/watch?v=WzyByGTf1A4&t=832s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 1 junho). *Avaliação dos filmes vistos, até agora, da mostra do critiCine Pós-Crítica*. [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=Vbj6A_dBve8&t=5188s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 8 junho). *Debate do filme Cidadão Kane, de Orson Welles.* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=kwEQY7t1UKI&t=609s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 15 junho*). Filme A chinesa, dirigido por Jean Luc Godard.* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=WW-Iu3ddWjo&t=346s

Pós-Crítica UNEB. (2024, 13 julho). *Filme Limite (1931) - Dirigido por Mário Peixoto*

[Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=Hc5r1CQA5cA&t=3719s